

■ ATUALIDADES

MEIO AMBIENTE

Esperanças para a floresta

Sistema de permutas entre Estado e seringueiros pode ajudar a reduzir o desmatamento na Amazônia

Geoff Dyer
 Financial Times

Carregando apenas um velho rifle e um facão curvo, José Barbosa Lima parte para a floresta amazônica às cinco da manhã todos os dias, muito antes da luz solar começar a penetrar pela densa copa das árvores.

Em cada seringueira de sua trilha, ele faz cortes em forma de espinha de peixe na casca e dependura uma pequena tigela no tronco para colher o líquido branco que pinga da árvore. Repete a mesma rota à tarde, coletando o látex em um saco de algodão revestido com borracha. No fim do dia, aquece o látex até transformá-lo em uma bola de borracha escura, usando um método que não mudou desde o século passado.

José Barbosa, sua pele espessa e escura como melão, tem vivido das seringueiras na floresta tropical por 43 anos. Ele calcula que caminha cerca de 30 quilômetros por dia. É uma vida dura, cheia de perigos e incertezas, mas muitos ambientalistas acreditam que oferece a maior esperança de preservação dessa área da floresta.

Os seringueiros do estado do Acre, na fronteira com o Peru, têm sido um ícone amazônico desde a década de 1980, quando Chico Mendes, líder sindical, começou a organizar manifestações pacíficas contra os fazendeiros que queriam desmatar grandes áreas das florestas para criar novos pastos. Constantemente sujeito a ameaças de violência, Chico Mendes foi assassinado em 1988 por dois fazendeiros locais que diziam ter tido seus planos frustrados por culpa do líder. Seu corpo foi enterrado no dia de Natal, sob chuva torrencial. Seu funeral contribuiu mais do que qualquer outro acontecimento para focalizar a atenção no destino da floresta tropical.

Depois de Pelé, ele foi provavelmente o brasileiro mais conhecido no mundo. Seu assassinato foi denunciado no Senado dos Estados Unidos e os maiores cineastas de Hollywood disputaram os direitos para produzir um filme medonho sobre sua vida e morte, que ele previra com exatidão. Pouco mais de uma década depois do assassinato de Chico Mendes, a floresta tropical ainda está sendo destruída a ritmo alucinante. Uma área do tamanho da metade da Bélgica foi desmatada em cada um dos últimos anos.

Ao mesmo tempo, um grupo de ex-colegas e conselheiros de Chico Mendes, liderado por Jorge Viana, o novo governador esquerdista do Acre, comanda o estado e tenta adotar suas idéias na tentativa de deter os desmatamentos e salvar vastas faixas da floresta. "Os amigos de Chico Mendes estão agora no poder", afirma Marina Silva, filha de um seringueiro que cresceu na floresta e hoje senadora.

Eles criaram uma necessária irrupção de otimismo em toda a região amazônica — que está sitiada por problemas de difícil solução, como o tráfico de drogas e a violência. A melhor maneira de deter a destruição da Amazônia, acreditam, é restaurar a economia tradicional da floresta, baseada em borracha, castanhas do Pará e outros produtos naturais. "A floresta é nossa vantagem comparativa com o mundo", diz Viana.

Os seringueiros transformaram-se em um modelo para aquela ladainha dos anos 80 dos ambientalistas do mundo inteiro: "Desenvolvimento sustentável". As árvores produzem um infundável suprimento de borra-

cha; a floresta, uma contínua reserva de frutas, peixes e água potável. O seringueiro, segundo seus defensores, vive em perfeita harmonia com o meio ambiente.

Marina Silva relata uma história sobre sua irmã que, ao atingir idade suficiente para caçar, matou 16 pacas em apenas um mês. Quando seu pai descobriu isso, ficou chocado. Só caça quando terminar de comer o último animal, instruiu ele às meninas, e nunca se deve matar animal prenhe. "A cultura tradicional dos seringueiros proporciona proteção à floresta e seus animais melhor do que qualquer lei ou regulamento", diz a senadora. Contudo, apesar de toda a publicidade e apoio durante a última década, o mundo do seringueiro continuou a desaparecer.

A borracha transformou a parte brasileira da bacia amazônica no século passado. Depois que Charles Goodyear descobriu que a adição de enxofre impedia

que a matéria derretesse no clima quente, a borracha começou a ser usada em capas de chuva, isolamento e, posteriormente, pneus. E a Amazônia foi a principal fonte desse "ouro branco".

O novo comércio de borracha trouxe riquezas fabulosas à região.

Os endinheirados locais, segundo a lenda, costumavam mandar suas roupas sujas para lavar em Paris. As famílias das regiões secas do Nordeste brasileiro invadiram as florestas amazônicas para tentar a sorte. Quando o preço da borracha subia, eles brindavam sua prosperidade nas pousadas de madeira que proliferavam em junções de rios, desfilando em pijamas de seda listradas.

O ápice foi a inauguração em 1896 do teatro lírico em Manaus, a tradicional capital da região. A entrada foi revestida com mármore italiano e o interior era folheado a ouro. A edificação custou US\$ 2 milhões. Mas a festa teve de terminar em algum momento. Na década de 1870 Henry Alexander Wickham, um aventureiro inglês, levou algumas sementes de volta a Kew Gardens, em Londres. Em breve, plan-

tações começaram a florescer nas colônias britânicas e holandesas na Ásia. Em 1910, a bolha estourou: o preço da borracha iniciou a queda.

Henry Ford tentou reativar o setor nos anos 20 quando adquiriu áreas enormes da floresta com um plano de cultivo de seringueira em escala

ra no Acre tinha mudado de mãos.

O fato se repetiu em toda a região amazônica, onde as populações tradicionais foram forçadas a abandonar a floresta e mudar para cidades em acelerada expansão, que lutavam para acolher os migrantes. Se os novos proprietários de terra tivessem qualquer problema com as pessoas que viviam em suas propriedades na floresta, havia muitos lugares locais

mundiais para uma reunião de cúpula no Rio de Janeiro para discutir os problemas ambientais do planeta. O ritmo de desmatamento diminuiu.

Contudo, apesar dos concertos de rock e promoções para ajudar a floresta tropical, a situação na Amazônia pouco melhorou. A velocidade de desmatamento durante os últimos quatro anos aproximou-se dos níveis registrados em fins dos anos 80. As reservas de seringa, na melhor das hipóteses, foi um sucesso misto. As violentas confrontações com os donos de terra cessaram, mas a fuga dos seringueiros empobrecidos para as cidades não parou.

Um dos culpados foi a globalização. O Brasil começou a abrir sua economia no início da década e revogou muitos dos subsídios que o setor recebia. O preço da borracha entrou em colapso. Os seringueiros precisam receber cerca de R\$ 1 por quilo para sobreviver; o preço em algumas regiões despencou para 35 centavos. "Desde que o mercado se abriu, temos sido massacrados", afirma José Juarez Leite dos Santos, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros.

Os hábitos forjados durante décadas de subserviência foram difíceis de ser eliminados. O padre Paulo Baldassarri, um religioso italiano de 73 anos que passou os últimos 30 anos levando ajuda material e espiritual aos seringueiros, afirma que criar um sistema de cooperativas modernas não foi fácil. "Muitos dos seringueiros sentem falta dos antigos mestres, embora estes com frequência os tratassem muito mal", diz o padre. "O caminho da escravidão para a auto-suficiência é muito longo."

Durante os últimos dez anos, as reservas de seringa foram atacadas por uma ampla variedade de críticos, desde acadêmicos teimosos até conservacionistas da linha dura. Os estudos mostraram que a baixa produtividade do comércio de borracha da Amazônia não tinha sentido econômico e que os produtos florestais bem-sucedidos eram substituídos com o tempo por produtos cultivados em fazendas.

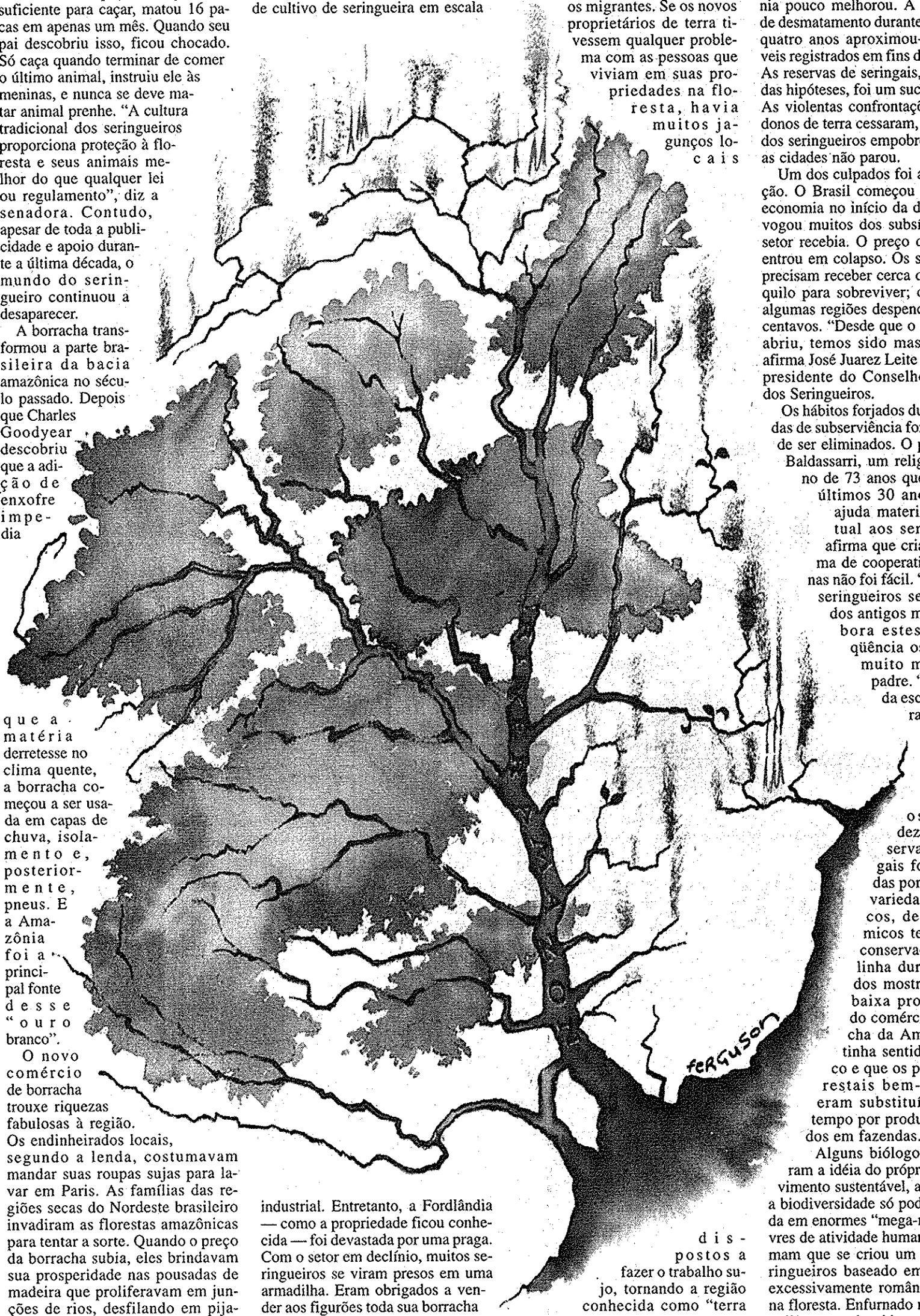
Alguns biólogos desdenharam a idéia do próprio desenvolvimento sustentável, alegando que a biodiversidade só pode ser mantida em enormes "mega-reservas", livres de atividade humana. Eles afirmam que se criou um culto de seringueiros baseado em uma visão excessivamente romântica da vida na floresta. Enfurnado na floresta, a quilômetros da vida urbana, os seringueiros — afirmaram os críticos — têm poucas chances de mobilidade social e acesso limitado aos frutos da cidadania.

Há muitos ataques, portanto, contra a nova experiência do Acre. Os "amigos de Chico Mendes" que agora mandam no estado precisam convencer um público cético de que o desenvolvimento sustentável pode funcionar na Amazônia. O primeiro passo foi estimular o processo com

industrial. Entretanto, a Fordlândia — como a propriedade ficou conhecida — foi devastada por uma praga. Com o setor em declínio, muitos seringueiros se viram presos em uma armadilha. Eram obrigados a vender aos figurões toda sua borracha e castanha do Pará a preços por ele estabelecidos. Se tentassem escapar, eram caçados. "O seringueiro é um homem que trabalha para se escravizar", declarou o escritor Euclides da Cunha. A situação no Acre começou a mudar no começo dos anos 70. Estimulados por generosos incentivos do então governo militar, muitas grandes empresas compraram faixas da floresta, com a intenção de criar áreas de cultivo. Em cinco anos, cerca de um terço da ter-

dispostos a fazer o trabalho sujo, tornando a região conhecida como "terra sem lei". O assassinato de Chico Mendes foi bem diferente de um incidente isolado.

Por algum tempo, os protestos sobre a morte de Mendes pareceram ter sustado a tendência. O novo governo federal democrático criou "reservas extrativistas", vastas áreas da floresta reservadas aos seringueiros. Cooperativas foram criadas para liberar os trabalhadores extrativistas de seus mestres comerciais exploradores. O Brasil convidou líderes



o estabelecimento de um subsídio estadual à borracha de 40 centavos de real por quilo. Isso mais o subsídio nacional introduzido há dois anos pelo governo federal.

As cooperativas de seringueiros estão sendo incentivadas a diversificar suas propriedades para produtos florestais diferentes. As castanhas do Pará foram há muito tempo um substituto para os seringueiros; agora produzem safrol, óleo usado para fabricar perfume, e andiroba, que ajuda a repelir mosquitos transmissores da dengue.

Uma nova unidade de beneficiamento de castanhas do Pará está sendo construída em Xapuri, de modo que o lucro do beneficiamento de safras florestais permaneça no Acre. Apesar de que a cooperativa local controlará a unidade, foram contratados administradores profissionais para dirigir a organização. O governo também lançou uma campanha para registrar seringueiros e lhes oferecer identificação apropriada para se qualificarem ao crédito. O número de postos de saúde e escolas fundamentais dentro da floresta está aumentando.

O programa significa uma simples permuta. O estado protege os seringueiros da força total do mercado e mantém seu estilo de vida nas reservas; em troca, o seringueiro age como um baluarte contra novo desmatamento. Segundo Steve Schwartzman, do Environmental Defense Fund, sediado em Washington, as reservas de seringa forneceram alguma proteção contra as madeiras. Os limites aparecem nos mapas de satélite e o número de focos de incêndio é consideravelmente menor dentro das reservas, garante ele.

Os subsídios também são uma forma de política urbana invertida. Rio Branco, capital do Acre, é uma cidade à beira de colapso. Trinta anos de desmatamento provocaram uma maciça migração de seringueiros e índios para uma cidade com fraca base econômica. O resultado foi uma versão amazônica de desastre urbano — criminalidade desenfreada, elevado índice de desemprego, graves problemas de saúde pública e número crescente de viciados em drogas e bebidas. Uma economia florestal reativada poderia tirar alguma pressão da cidade.

"As pessoas dizem que os seringueiros na floresta não têm nenhuma probabilidade de evoluir socialmente, mas esse modelo urbano não lhes deu nenhuma chance de ascensão", afirma Marina Silva. Uma vibrante economia florestal também fornece alguma proteção contra o sempre crescente comércio de drogas ilegais. O Acre se tornou uma importante rota de trânsito para a cocaína dos vizinhos Peru e Colômbia, mas ainda não se transformou em centro de produção.

"Graças aos seringueiros e índios, não temos os mesmos problemas que a Colômbia", explica Viana, que foi um perito florestal antes de entrar na política. "Destruir as populações tradicionais cria um grande vácuo." Depois de apenas nove meses no cargo, a política de Viana mostra alguns sinais de sucesso. O fluxo de migrantes para a cidade foi pelo menos detido. Mas, seu governo ainda precisa convencer grande número de pessoas a voltar à floresta.

Em Seringal Cachoeira, onde Chico Mendes cresceu, José Barbosa Lima diz que a vida está começando a melhorar. "Estamos recebendo um preço melhor para nossa borracha agora", conta, "mas ainda temos de sobreviver com os alimentos que tiramos da floresta."